

LIVRO DIDÁTICO E ENSINO DOS GÊNEROS ORAIS FORMAIS: REFLEXÕES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel¹

Fabrini Katrine da Silva Billo²

É função do livro didático possibilitar estratégias de ensino para o uso da linguagem oral? Sim, esta é uma incumbência atribuída a esse suporte pelo Programa Nacional do Livro Didático, bem como pelos documentos que norteiam o currículo de língua, dentre eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Mas, quais estratégias de ensino são usadas pelos manuais para tratar o oral? Será que tomam o oral sob o ponto de vista integrado ou na perspectiva autônoma? Em busca de responder as estas indagações, investigamos as estratégias didáticas para o ensino dos gêneros orais formais na coleção “É Bom Aprender”, aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (2011), direcionado à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

É importante que definamos, inicialmente, o que estamos entendendo por oral integrado e oral autônomo. A primeira dimensão assume o ensino do oral enquanto ferramenta para desenvolver capacidades discursivas relacionadas ao dizer, ao explicar e ao argumentar dentro dos diversos contextos escolares e das variadas disciplinas. A dimensão do oral autônomo, por sua vez, assume os gêneros orais enquanto objetos de ensino-aprendizagem, sem que os tome como meios para a apreensão de comportamentos discursivos associados a outros saberes disciplinares (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004). Neste trabalho, assumimos o oral autônomo por acreditarmos ser possível e necessário existir, no contexto do ensino de língua materna, propostas de ensino que promovam um estudo sistematizado e direcionado dos gêneros textuais orais, mais especificamente dos gêneros formais, como objetos de ensino-aprendizagem.

Os gêneros textuais estão presentes nas diversas situações as quais nos expomos diariamente. Os gêneros orais, por exemplo, são materiais pelos quais atuamos verbalmente (ANTUNES, 2009, p. 38). A aprendizagem do gênero transporta o sujeito de uma atividade modelar para uma atividade onde o texto é introduzido de forma real, em situações comunicativas reais (CAVALCANTE e B. MARCUSCHI, 2007).

Para Dolz e Schneuwly (2004) o oral formal público, materializado nos gêneros de texto dificilmente será aprendido pelo aluno se não houver uma intervenção didática. Em outras palavras, os gêneros orais formais devem ser tomados como objeto de ensino-aprendizagem, a fim de habilitar o aluno a produzir discursivamente de forma eficiente. No caso dos alunos de EJA, o trabalho com os gêneros textuais é primordial, pois contribui para a aquisição de habilidades e para o desenvolvimento linguístico-social.

Envoltos pela dimensão autônoma de ensino do oral, tomando os gêneros orais formais como mega-instrumentos de ensino-aprendizagem (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004), voltamos o nosso olhar para os livros didáticos, recurso historicamente presente na prática docente e que assume diferentes funções dentro de um planejamento de ensino-aprendizagem. Essas múltiplas funções asseguram o fato de que o livro didático não pode e não deve ser considerado como a única referência para o educador, mas que é uma ferramenta importante a ser utilizada em momentos específicos (BRASIL, 2011).

Em face da relevância do livro didático, o Ministério da Educação, através do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE/MEC) investiu no ano de 2014 aproximadamente R\$ 17.000.000 na compra de livros didáticos destinados a modalidade EJA,

¹ Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil. E-mail: deboracostamaciel@gmail.com.

² Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil. E-mail: fabrinibillo@hotmail.com.

o que corresponde a aquisição de aproximadamente 15.000.000 novos manuais, distribuídos a 32.864 escolas, beneficiando 4.758.832 educandos. Esse investimento demonstra a importância que o livro didático tem para a escola e acentua a relevância de, no âmbito das discussões sobre ensino de língua materna, voltamos o nosso olhar para os livros direcionados à Educação de Jovens e Adultos, modalidade de ensino que necessita ser sistematicamente investigada. Compromisso estabelecido por nosso trabalho!

Imersos nesse contexto de compromissos, assumimos nesta pesquisa a investigação de cunho documental (LUDKE e ANDRÉ, 1986), tendo em vista o *corpus* de análise pertencer ao livro didático de EJA. Submetemos a coleção a uma análise de conteúdo temático-categorial (BARDIN, 1997), com base em uma abordagem qualitativa de pesquisa (MINAYO, 1994). Realizamos a seguinte identificação da obra: “V1” e “V2” para volumes 1 e 2; “MP” para o comando ofertado no Manual do Professor e “U” para nos referirmos a Unidade em que a proposta está localizada.

Aportados na metodologia acima citada, selecionamos, entre o repertório de atividades disponíveis, os gêneros Apresentação Oral e Debate. As propostas ilustram as estratégias didáticas trazidas pela coleção, com o objetivo de tratar o gênero oral formal.

Gêneros orais nos manuais didáticos da EJA: análise e discussão

No trato com o gênero textual “Apresentação Oral”, o tema em foco é o respeito as “Leis de Trânsito”. Na proposta, os alunos são convidados a apresentar oralmente para o grupo-sala uma regra de trânsito, com o objetivo de ensinar e aprender sobre essas leis. (v. 1, p. 32). Na realização da atividade, os alunos deverão se organizar em grupos para “listarem” outras leis de trânsito diferentes daquelas apresentadas na atividade.

No contexto da atividade, o professor é orientado a, “se necessário”, pedir aos alunos para “realizar uma pequena pesquisa” (V1/U2:32). Sabemos o quanto a pesquisa colabora para que o conceito inicial do aluno seja confrontado com outros conceitos, cuja base espera-se que esteja mais próxima de orientações de fontes seguras, tendo em vista a natureza da proposta da atividade. A localização em fontes seguras deve proporcionar ao aluno veracidade nas informações que serão expostas sobre o tema. No caso da atividade analisada, seria oportuno um encaminhamento que estimulasse, nos comandos direcionados ao aluno, a realização de pesquisa, acentuando a sua importância para o conhecimento e o aprofundamento do tema estudado.

A atividade apresenta algumas orientações relevantes para a construção da “Apresentação Oral”, como por exemplo: “combinem com o professor em que ordem os grupos se apresentarão. No momento de falar, procurem usar uma linguagem mais formal; evitem gírias e escolham bem as palavras” (V1/U2:32). Observamos nesse comando a preocupação da proposta com diversos elementos, dentre eles: i. orientação para a organização dos pequenos grupos. ii. uso da fala planejada, iii. observância para os turnos conversacionais, iv. uso do registro “mais formal”. É válido destacar que são orientações pontuais e que necessitam da mediação docente para que haja uma reflexão sobre os elementos pontuados, visto que a obra não traz uma problematização.

Destacamos que o chamamento para o “não uso” da gíria, não vem acompanhado de uma reflexão sistemática sobre o porquê da necessidade do uso de um registro mais próximo a norma padrão. Há um descolamento entre exigência de uso e de reflexão sobre uso, o que não garante um momento sistemático de se pensar sobre a língua em seus diferentes contextos e pode gerar concepções equivocadas sobre o uso das gírias, ou melhor, do registro informal, cabível em instâncias diversas (MARCUSCHI, 2001).

As etapas propostas pela atividade centram-se nos momentos de planejamento e exposição do gênero oral, sem que haja, em seu contexto, por exemplo, a avaliação. Este momento, assim como o de pesquisa, está disponível apenas para o professor: “[...] leve os grupos a avaliar o seu desempenho, considerando [...] como o grupo se apresentou: bem ou mal? O trabalho realizado foi importante para a turma? Por quê?” (MP, V1/120). Observemos que as questões que norteiam a avaliação não favorecem uma reflexão sobre a realização do gênero apresentação oral, uma vez que, não ajudam a pensar sobre o comportamento assumido pelos grupos na produção e na apresentação da atividade, restringe a emissão de juízo de valor sobre o grupo. São ignorados nessa avaliação elementos tais como: a adequação do tom de voz, os gestos usados, materiais de apoio a fala; o respeito aos turnos conversacionais; a clareza na exposição das ideias etc. (MELO e CAVALCANTE, 2007). Estes, dentre outros elementos, devem ser ensinados no processo de preparação e realização do gênero oral.

Passemos nesse momento a analisar a segunda atividade selecionada na obra: o Debate. Com vistas a trabalhar este gênero textual, coleção “É Bom Aprender” lança fragmentos de fala contendo pontos de vista diferentes sobre o tema “Proibição no Brasil para o trabalho aos menores de 16 anos de idade”. A primeira opinião é favorável a lei que proíbe o trabalho para jovens de menor idade e justifica a posição defendendo que o trabalho para menores atrapalha a sua vida escolar. A segunda é contrária a lei e afirma que o trabalho possibilita o acúmulo de conhecimentos necessários à profissão que os jovens desenvolverão no futuro. A terceira opinião é moderada, enfatiza que trabalhar antes dos 16 anos só deve ser permitido se o jovem for, ao menos, maior de 14 anos e que o trabalho não interfira em seus estudos, tampouco coloque em risco a sua saúde.

A partir desses três posicionamentos, a obra encaminha o planejamento do Debate definindo o gênero, bem como alguns papéis sociais que caracterizam os participantes do evento por ele estruturado: “Debate [...] uma discussão organizada sobre esse assunto. As pessoas que participam [...] são chamadas de debatedores. A pessoa encarregada de organizar o debate [...] é chamada de moderador. Aqueles que assistem ao debate são chamados de público” (V1/U5:97).

No encaminhamento da proposta, os alunos são provocados com o seguinte questionamento: “A lei deve permitir que pessoas com menos de 16 anos trabalhem? Por que?” (V1/U5:98). É importante frisar que a própria atividade já encaminha que os alunos deverão assumir uma das posições por ela ofertadas, portanto, 3 (três) grupos comporão o evento. Não há, no entanto, direcionamentos para que o aluno pesquise sobre o tema, consulte fontes diversas e seguras, com vistas a ampliação do conhecimento e a estruturação do debate. Repete-se a mesma lógica da proposta com o gênero “Apresentação Oral”.

A proposta silencia algumas dimensões importantes para a construção, com maior clareza do gênero. Dentre eles, podemos destacar: a postura a ser assumida pelos alunos durante a realização do gênero; como o expositor deve agir; qual registro é necessário para a realização de um gênero formal etc. (MARCUSCHI, 2001). Novamente a coleção não promove o momento de avaliação. Em se tratando do gênero debate, a fase de avaliação deverá contemplar diferentes fenômenos, como por exemplo: a capacidade de expor e defender ideias – dimensão argumentativa; o bom andamento do trabalho a partir do empenho demonstrado pelo grupo durante a realização da proposta; a interação entre os participantes do grupo (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004).

Conclusões

Nesta pesquisa, buscamos analisar as estratégias didáticas para o ensino do oral formal em coleções de Livros Didáticos de Alfabetização de Jovens e Adultos, disponíveis nas escolas públicas da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Investigamos a seleção de gêneros textuais

orais formais que compõem o repertório textual da obra “É bom Aprender”, única coleção adotada pelos 17 municípios que compõem a Mata Norte Pernambucana.

O cenário da investigação nos revela que, embora os protótipos de gêneros analisados nesse trabalho evidenciem atenção para o planejamento e a apresentação, eles ocultam, na proposta direcionada ao aluno, reflexões necessárias para o trato com a formalidade no planejamento e na execução da proposta. Deixa de lado também a etapa da avaliação, momento responsável por promover, de modo intencional, reflexão sobre a realização das atividades, possibilitando ao aluno realizar possíveis ajustes, caso haja necessidades, bem como exaltar as contribuições do trabalho.

A proposta analisada deixa importantes lacunas que precisam ser preenchidas pelo professor a fim de que promova estratégias ligadas ao contexto real de fala e não se limite a uma tarefa escolar (ANTUNES, 2009). Ressaltamos que o tema escolhido pela coleção proporciona o desenvolvimento de um forte debate, entretanto, ressaltamos que não basta ter um bom tema é necessário ter clareza do que se quer ensinar ao tratar de determinado gênero textual.

Mesmo apresentando gêneros textuais orais formais integrais, autênticos, coerentes e consistentes, há a necessidade de ampliar os encaminhamentos didáticos quanto a dimensão do oral formal, tomando-o na dimensão autônoma, de maneira a promover estratégias que favoreçam a reflexão sistemática sobre as competências para o uso formal da língua em diferentes esferas comunicativas.

Referências

- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editora, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdos**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2011/EJA. Brasília: MEC; SECAD, 2010.
- BRASIL, SEF-MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa (1ª a 4ª séries). Brasil; MEC-SEF, 1997.
- LUDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MELO, C.; CAVALCANTE, M. Superando os obstáculos de avaliar a oralidade In: MARCURSCHI, B. e SUASSUNA, L. **Avaliação em língua portuguesa**: contribuições para a prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.
- GIARETTA, L. A.; BELLUSCI, S.; SOSSO, J. **É bom aprender**. Editora FTD SA, 2009 – 1. edição.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**. Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MINAYO, M. C. Souza (Org.). **Ciência Tecnológica e Arte**: o desafio da pesquisa social. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.